

# Obras e reformas contra custo de vida e salários

Com exceção do arenista Heráclito Rollemberg, de Sergipe, que tem defendido em sua pregação o reconhecimento oficial de entidades nacionais de trabalhadores e estudantes e da anistia a presos políticos, os demais candidatos ao Senado em todo o país mantiveram, na atual campanha, os mesmos apelos e mensagens que caracterizaram as mobilizações de 1974 e 76. Do lado arenista, insistem na exaltação das obras governamentais, do atendimento social e das reformas políticas aprovadas recentemente; os oposicionistas criticam o custo de vida, a falta de liberdades democráticas, a Lei Falcão e a política salarial.

A uniformidade dos apelos dos candidatos tem sido quebrada, no entanto, pela perspectiva de surgimento de novos partidos políticos ano que vem, fato que provocou o aparecimento de candidaturas independentes no âmbito das duas agremiações. Em Pernambuco, por exemplo, o arenista Cid Sampaio critica indistintamente Arena e MDB, defendendo uma "União Democrática de Centro" que integrará, segundo afirma, com Magalhães Pinto, Franco Montoro, Teotônio Vilela e Accioly Filho. No Rio Grande do Norte, os candidatos emedebistas ao Senado não têm o apoio da cúpula do partido no Estado, que é favorável a Jessé Pinto Freire.

Contra o futuro governador Chagas Freitas, o candidato do MDB à reeleição, o senador Nel-

son Carneiro, vem baseando sua campanha na crítica à denúncia vazia e no aumento do custo de vida. Defende anistia ampla e irrestrita e a volta à democracia, coerente com o grupo autêntico emedebista, e enfoca temas sociais como aposentadoria aos 30 e 25 anos de serviço, respectivamente, ao homem e à mulher, e o amparo aos idosos.

Já a candidata arenista ao Senado pelo Rio de Janeiro, Sandra Cavalcanti, tem o apoio de Chagas Freitas e baseia sua campanha em críticas à atuação do governador em exercício, Faria Lima, e ao prefeito Marcos Tamoyo, da Capital fluminense, além de defender maior ação social de parte do governo.

Em Mato Grosso do Sul, a inexpressividade da representação emedebista que concorre com Plínio Barbosa e Humberto Bezerra contribuiu para acirrar a disputa entre as duas alas que dominam a Arena local. O ex-governador José Fragelli, da Arena ortodoxa, prega o fim do "homem de Bodoquena", referindo-se ao outro candidato, o ex-governador Pedro Pedrossian, líder da Arena independente, que baseou sua campanha no combate "às estruturas oligárquicas", simbolizadas no grupo adversário.

No Rio Grande do Sul, os candidatos arenistas aparentam ter combinado o enfoque de suas respectivas mensagens: Mário Ramos enfoca a área social, destacando a evolução da

Previdência e da assistência médica; Gay da Fonseca fala sobre o Estado de Direito, a reabertura democrática a partir das reformas políticas; e Mariano da Rocha elogia a evolução do ensino. Do lado emedebista, Pedro Simon coloca-se como político dos grandes centros, insistindo na volta do Estado de Direito, defendendo anistia ampla e a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte e criticando o futuro governador, o presidente Geisel e o general João Baptista Figueiredo.

Enquanto o candidato Cid Sampaio acusa a Arena de radical de direita e o MDB de radical de esquerda, maldiz o governador Moura Cavalcanti e defende o "governo da Revolução", o outro arenista, de Pernambuco, Nilo Coelho, assume a legenda do partido majoritário, apóia o futuro governador Marco Maciel e elogia as reformas políticas. O candidato emedebista, Jarbas Vasconcelos, do grupo autêntico, cita muito anistia e convocação de uma Constituinte, defende um sindicalismo forte e crítica o aumento do custo de vida e a opressão dos pobres pelo regime, sofrendo a concorrência de Cid Sampaio, cuja campanha é mais de oposição do que de governo.

Acusações mútuas e rancores pessoais entre os dois candidatos arenistas têm sido a tônica da campanha ao Senado no Piauí, onde o ex-governador Alberto Silva critica o que considera "a oligarquia petronista", da qual faz parte seu adversá-

rio, o ex-governador Dirceu Arco verde. Os dois evitam assuntos de âmbito nacional, como custo de vida ou direitos humanos, e Arcoverde apóia-se bastante nas obras de sua administração.

O senador José Sarney, candidato à reeleição pelo Maranhão, só abordou em toda sua campanha temas regionais: uma política a serviço da população, o fim da situação de Estado mais pobre da Federação e maior assistência ao homem do campo. Ao contrário do que enfoca o candidato emedebista, José Mário Ribeiro da Costa, que fala em dívida externa, democratização, eleições diretas, distribuição de renda ao eleitorado de mais baixo nível intelectual do País, culpando a Arena pelo alto índice de tuberculose e pelos conflitos na área rural do Estado.

Sobretudo nos últimos dias, a campanha dos candidatos emedebistas Rômulo de Almeida, Hermógenes Príncipe de Oliveira e Newton Macedo tornou-se mais violenta na Bahia, com o uso de slogans estudantis como "abaixo a ditadura", "abaixo Figueiredo" e outras, enquanto o arenista Lomanto Junior usa o futuro governador e as obras do governo para sua propaganda. O governador Roberto Santos apóia o candidato Rômulo de Almeida, que/apela ao saudosismo do antigo PTB e prega o fim do "curral da Arena" balano.

Em Alagoas, o arenista Rubens Villar, sem apoio do gover-

no, é mais MDB do que Arena, propriamente. A disputa está entre o governista Luís Cavalcanti e o oposicionista José Moura, envolvendo a utilização de propaganda camuflada pelo MDB: um comercial televisado com o apelo "Prefira Moura, a bateria que vale por três", em alusão aos três candidatos arenistas (concorre também o empresário José Sampaio).

Reformas eleitoral e partidária são as teses do candidato arenista Túlio Vargas, do Paraná, contra os emedebistas Enéas Faria e José Richa que, além dos temas tradicionais, usam a peste suína, os preços mínimos agrícolas e a situação da agricultura estadual prejudicada pela seca como bandeiras. Em Goiás, os três arenistas, Osires Teixeira, Jarmund Nasser e Jonas Duarte apóiam-se nas obras do governo, enquanto o MDB corre em faixa dupla: Juarez Bernardes, moderado, enfoca temas regionais com maior frequência; Henrique Santillo, do grupo autêntico, acusa a corrupção governamental, pede anistia e Constituinte.

A pregação do arenista Aioísio Chaves, no Pará, baseia-se nas obras de sua recente administração estadual e no generoso aumento que concedeu aos funcionários. Os emedebistas Júlio Viveiros e Pedro Moura Palha ficam no convencional. Em Minas Gerais, o emedebista Tancredo Neves denuncia a corrupção eleitoral e conta com Sara Kubitschek para ganhar o apoio dos simpatizantes de JK

e fazer frente à candidatura de outro pessedista, Israel Pinheiro Filho, que não se utiliza da legenda da Arena em sua movimentação e apela para a amizade entre seu pai e o ex-presidente Juscelino. O outro arenista, Fagundes Neto, limita-se a reafirmar: "Arena, sim senhor".

Com sua linguagem de tecnocrata, o arenista José Lins Albuquerque enfoca assuntos regionais que conheceu na Sudene para fazer frente ao oposicionista Chagas Vasconcelos, não menos provinciano porém bom orador político, que explora os chavões oposicionistas na capital e no interior do Ceará. Radir Pereira, candidato emedebista no Rio Grande do Norte, criou nova forma de organização popular — o comitê do povo —, com o qual se propõe a discutir e levar adiante as reivindicações, enquanto o arenista Jessé Pinto Freire enfoca o auxílio aos municípios, que propiciou com sua atuação no Senado.

No Amazonas, a falta de plataformas convincentes ou esquemas ideológicos organizados não chegou a sensibilizar o eleitorado. No Espírito Santo, o arenista Moacir Dalla repete os chavões do futuro governador Eurico Rezende exorcizando comunistas até mesmo em vilas interioranas, enquanto o candidato oposicionista Setembrino Petissari desafia abertamente essa posição, autodenominando-se partidário da "centro-esquerda".



Foto Josemido Tenorio Telefoto Estado

Política e sindicalismo, ênfase de Jarbas, no Recife